



1290005467



FE

TCC/UNICAMP R243c

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Barbara Gouvea Reche

A contribuição da Psicanálise para a Educação

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

Campinas

2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

201132628

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Barbara Gouvea Reche

A contribuição da Psicanálise para a Educação

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Ana Archangelo.

Campinas

2010

II

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCC
	R243c
V:	EX:
Tombo:	5467
PROC.:	130111
C:	D: X
PREÇO:	11,00
DATA:	14/04/11
CÓD. TÍTULO:	725717

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

R243c

Reche, Barbara Gouvea.

A contribuição da psicanálise para a educação / Barbara Gouvea Reche. –
Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientadora: Ana Archangelo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Psicanálise. 2. Educação. 3. Contexto da educação. I. Archangelo, Ana.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-310-BFE

Dedico este trabalho a meu pai Jorge Reche

Agradecimentos

Gostaria de agradecer:

A Deus,

A minha família,

A Ângela, por ser alguém tão importante em minha vida.

A minha orientadora Ana Archangelo, por ter orientado este trabalho e ter me proporcionado valiosos momentos de aprendizagem ao longo de minha graduação,

Ao Fábio Camargo Bandeira Villela por ter sido o segundo leitor deste trabalho.

A todos os funcionários da Faculdade de educação que sempre estão dispostos a nos ajudar.

A todas as amigas que compartilharam comigo a jornada da graduação, em especial: Gisele, Mariana, Elô, Pâmela, Bel, Daniela, Laura, Patrícia e Kietrine, pelo grande carinho e companheirismo.

Muito obrigada.

O amor é um dos principais motores da educação.
Marcia Neder Bacha

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de investigar como a psicanálise pode contribuir com seus estudos para a educação, buscando caminhos para compreender determinados fenômenos que ocorrem no contexto educativo. Tal investigação foi feita mediante levantamento bibliográfico em periódicos sobre educação e que abordassem temas relacionados à área sob uma visão psicanalítica. Foram identificados os temas mais recorrentes, assim como quais abordagens estão sendo utilizadas como base dos estudos.

Palavras-chave: psicanálise, educação, contexto da educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 - UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO.....	11
1.1 Dos primórdios da psicologia à psicanálise.....	13
1.2 Estudos da natureza humana e de seu desenvolvimento aplicados à educação.....	16
1.3 Psicanálise e educação no Brasil.....	21
CAPÍTULO 2 - OS RECENTES ESTUDOS PSICANALÍTICOS ALIADOS À EDUCAÇÃO	24
2.1 Resultados do levantamento bibliográfico.....	26
CAPÍTULO 3 - A CRIANÇA E O ALUNO SOB A VISÃO PSICANALÍTICA.....	52
3.1 A psicanálise, a educação e as políticas públicas.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

INTRODUÇÃO

*O educador deve se reconciliar com a criança que há dentro dele, mas é uma pena que ele tenha se esquecido de como era mesmo essa criança!*¹

A psicanálise afirma que a vida mental de um adulto tem sua origem na infância, período em que se delineia uma trajetória entre a mente infantil e a mente adulta, seus processos e transformações. No intuito de compreender o sentido de um sintoma presente na vida adulta, por exemplo, o trabalho da psicanálise consistiria em remontar uma determinada estrutura psíquica à outra que a precedeu e da qual se desenvolveu, percorrendo e desvelando tal trajetória.

Porém, os adultos apresentam a chamada *amnésia infantil*, ou seja, uma lacuna na memória que corresponde aos primeiros anos de vida, o que os impediria de recordar as experiências e fantasias infantis e, em última análise, de reconhecê-las como próprias. Isso comumente gera incompreensão, por parte dos adultos, a respeito do comportamento e da mentalidade infantis. Eles ficam espantados quando se deparam com situações da vida diária em que estão presentes mecanismos inconscientes que lhes remetem a temas como o complexo de Édipo, o narcisismo, a disposição para perversões e a curiosidade sexual presentes na

¹ KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação* (p.50).

infância. Cria-se, assim, um círculo vicioso, o qual dificulta que o adulto reconheça nas experiências de outras crianças os conflitos e as ansiedades vividos por ele no passado. Em especial no campo da educação, tal fenômeno impede que ele intervenha de maneira a favorecer o enfrentamento e a elaboração de tais conflitos e ansiedades.

Os estudos da psicanálise são muito úteis para a educação, pois é sabido que ensinamos melhor se conhecemos, tanto quanto possível, os processos mentais infantis, bem como nossa própria infância vivida. A dificuldade está justamente em evocar a lembrança da infância, uma vez que parte da memória é bloqueada pela amnésia infantil.

Professores, não raras vezes, são surpreendidos por atitudes infantis consideradas por eles incompreensíveis. Essas, no entanto, diante de um olhar mais cuidadoso e atento às dinâmicas psíquicas inconscientes, tanto individuais, como grupais e institucionais, seriam consistentemente significadas e poderiam servir como ferramenta para a condução do trabalho pedagógico, tanto no que tange ao aprendizado propriamente dito, quanto à formação da personalidade.

Na atualidade são vários os autores procurando não apenas aprofundar a compreensão dos limites e possibilidades da relação entre psicanálise e educação, mas, sobretudo, procurando construir e/ou ampliar tais possibilidades, produzindo conhecimento fértil para a análise do contexto educativo.

Daí a relevância da presente pesquisa. É necessário investigar o 'Estado da Arte' da produção acadêmica brasileira nesse campo. Que temas educacionais têm sido objeto de preocupação da psicanálise? Ou sobre que temas educacionais a psicanálise tem se sentido autorizada a falar? Que abordagens psicanalíticas

estabelecem diálogo com a educação? Em que nível? Enfim, um conjunto de questões relevantes que o presente trabalho pretende abraçar.

Desde o surgimento da psicanálise, está posta a questão sobre quais seriam as interfaces entre os campos psicanalítico e educacional, bem como entre suas práticas, e qual seria a relevância do conceito de inconsciente para o entendimento das dinâmicas e relações envolvidas nos processos de ensino e aprendizagem.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a atual contribuição da psicanálise para a compreensão do contexto educativo atual. O texto envolve um levantamento da bibliografia sobre os estudos que vêm sendo realizados sobre o tema, procura identificar os temas recorrentes sobre educação à luz de abordagens psicanalíticas e, ainda, procura analisar o olhar da produção psicanalítica atual sobre os temas educacionais.

CAPÍTULO 1

UM DIÁLOGO ENTRE A PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

É muito interessante explorar as interfaces entre a psicanálise e a educação, mais especificamente no que diz respeito à produção acadêmica atual sobre temáticas educacionais em que a leitura psicanalítica esteja presente.

Ainda que se admita a importância de um campo para o outro, a relação entre psicanálise e educação está longe de ser tranquila. Os limites estruturais da relação entre esses dois campos é sempre objeto de reflexão e de uma disputa tensa. Tal questão, todavia, não é nova. Freud, desde as origens dos estudos psicanalíticos, já demonstrava algum interesse sobre ela. Em seu artigo sobre o interesse educacional da psicanálise FREUD (1996, p. 191) afirma que:

Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil, (...). A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras.

Esta tese reforça a relação estreita que deve ser estabelecida entre educação e psicanálise, mesmo que existam atritos entre esses dois campos que ainda necessitam de estudos mais aprofundados.

BALINT (1938) teve especial interesse na área educacional. Apesar de reconhecer a importância de uma pedagogia que se alimentasse de fundamentos da psicanálise, temia os riscos de os educadores ultrapassarem seu âmbito de atuação quando de posse desse conhecimento.

Anna Freud também desenvolveu suas investigações psicanalíticas em conjunto com a área educacional, para ela, nenhuma análise infantil pode ser realizada sem o apoio dos pais relatando seu comportamento em casa e na escola (COSTA, 2007). Ela unia medidas pedagógicas à psicanálise, enquanto a primeira atuava no eu para fortalecê-lo, a segunda atuava no inconsciente.

KLEIN (1996), também abordou temas relacionados ao campo da educação, destacando a existência de uma inibição intelectual relacionada à libido, às noções de progresso e de inibição através da ansiedade de castração.

A inibição aqui tratada refere-se às diferentes formas de repulsa ao aprendizado, como a aversão à escola e o medo de fazer provas que consiste no medo da castração. As exigências da escola e da aprendizagem obrigam que a criança sublima suas energias libidinais, mas em algumas matérias essa sublimação será inibida pelo medo da castração.

Dentre os trabalhos de Winnicott, segundo GORAYEB (s.d.), é importante citar um estudo em que abordou um interessante teorema que relaciona a aprendizagem de conceitos formais com aspectos da vida mental. Por exemplo, se a criança não internalizou o conceito de unidade, não se reconhece como uma unidade individual,

ela não assimila o conceito de número. Quando a criança apresenta dificuldade em aprender o conceito de divisão, o que se revela é que ela pode ter dificuldades em repartir os afetos e outros elementos com pessoas próximas.

BION (1994) desenvolveu uma 'Teoria sobre o pensar', que postula a origem da atividade de pensar nas experiências emocionais, o que traz profundos desdobramentos para a compreensão dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem, embora Bion não tenha se ocupado dessa reflexão em torno do processo pedagógico.

1.1. Dos primórdios da psicologia à psicanálise.

As primeiras ciências a se desenvolverem foram aquelas que tratam do que está mais longe do homem, como, por exemplo, a astronomia. Mesmo antes de a psicologia existir como ciência, o homem procurou entender a si mesmo, por meio de estudos precursores que culminaram na bagagem de conhecimento de que dispomos atualmente no ocidente.

Para melhor entendermos nossa própria história, voltemos nosso olhar para os pensadores gregos, principalmente Sócrates que viveu entre os anos de 469 e 399 a.C. Filósofo considerado o mais sábio apenas respondeu a esta afirmativa dizendo: "a única coisa que sei é que nada sei".

Sócrates, segundo FREIRE (1997) foi o filósofo de valores humanos, tendo como princípio: "homem, conhece-te a ti mesmo". Para ele, o homem deveria conhecer a si próprio para depois ter condições de conhecer o outro, o que só seria possível através de uma profunda análise interna para conhecer sua própria conduta e entender como realizar seu ajustamento social.

Seu método de ensino, a maiêutica, significava "o parto das idéias". Como mestre, ele dialogava com seus discípulos para que estes se entregassem à atividade de pensar em busca da verdade. Este método dividia-se em duas etapas: na primeira, o mestre conduzia perguntas difíceis para que o discípulo, humildemente, reconhecesse sua ignorância.

Depois, em um segundo momento, o mestre os conduzia até a formulação correta de ideias e raciocínios. Conclui-se que, para Sócrates, para aprender é necessário ser humilde diante da pesquisa; perceber que não se aprende sem atividade pessoal; descobrir que a ignorância é a fonte da maldade, sendo que o homem sábio é bom; descobrir que não há ciência verdadeira sem conceitos concretos e só a reflexão é capaz de dar sentido à vida humana.

A palavra psicologia é formada por dois termos de origem grega, *psique*, que significa alma, e *logia*, que significa estudo, ou seja, estudo da alma. Essa definição de psicologia é muito vaga, e quando foi considerada ciência, no fim do século XIX, passou a ser definida como uma ciência que estuda o comportamento humano.

Nesse sentido, define-se comportamento não apenas como movimentos físicos, mas todas as atividades, mesmo as muito sutis, como a percepção, o pensar, as concepções e os sentimentos.

Já a psicanálise se constitui como uma teoria da personalidade, um estudo da natureza humana com um procedimento psicoterápico que foi desenvolvido por Freud (LAPLANCHE, 1991).

Na época em que Freud desenvolveu seu trabalho, a psicologia se ocupava basicamente da experiência consciente, e ele, como médico neurologista, via-se

insatisfeito com os procedimentos clínicos adotados até então, o que o levou a buscar a investigação das origens mentais do comportamento.

Inicialmente, Freud trabalhou com o também médico, o fisiologista austríaco Joseph Breuer, além de ter conhecido as aplicações da hipnose realizadas por Jean Martin Charcot, que o levou a conhecer a existência e a influência do inconsciente, em resposta à suas indagações sobre as origens da histeria.

Em um primeiro momento, Freud também aplica a hipnose em seus pacientes, mas com o tempo, percebe que este método não traz resultados satisfatórios e aos poucos desenvolve a técnica da associação livre, na qual o paciente deve falar, sem qualquer censura, sobre tudo o que vier à sua mente. Freud acreditou que este método poderia ser melhor, no sentido em que o paciente, durante a hipnose, não está “totalmente presente”, mas somente uma parte dissociada de sua mente. O paciente ao despertar, poderia estar alheio ao diálogo ocorrido durante a hipnose, o que não permitiria a sua cura.

Durante esta investigação, Freud soube utilizar até mesmo as dificuldades em seu favor, como por exemplo, quando uma paciente demonstrou estar apaixonada por ele. A investigação o leva a desenvolver o conceito de transferência, que consiste em uma emoção, revivida e trabalhada durante a análise, vir a ser depositada no analista.

Freud também desenvolveu a interpretação dos sonhos e a primeira classificação da vida psíquica humana que aponta duas instâncias, o consciente e o inconsciente. Mais tarde, Freud desenvolve mais três conceitos: ID, ego e superego. Ele declarou que a força fundamental que move o homem é a libido, impulso sexual que está presente na criança desde seu nascimento. Desenvolveu, ainda, a teoria

do complexo de Édipo e nomeou fases de desenvolvimento infantil baseada em zonas erógenas. Sua contribuição é muito grande e inclui muitos outros estudos e conceitos.

1.2. Estudos da natureza humana e de seu desenvolvimento aplicados à educação

A psicologia do desenvolvimento sempre foi muito aplicada na educação, explorando numerosos processos que regem o funcionamento do organismo humano, tais como comportamento motor, cognição, aprendizagem e processos de interação social. Dentre as teorias do desenvolvimento há as que defendem o ser humano como um ser passivo, totalmente moldado pelas forças ambientais. Outras teorias vêem o ser humano como um ser ativo em seu próprio desenvolvimento.

Os teóricos que consideram o desenvolvimento humano como passivo, o consideram como sendo totalmente moldados por forças ambientais fora de seu controle. Desta forma, o comportamento infantil seria determinado por condições internas, como as biológicas e as emocionais, ou as externas, como as suas experiências de recompensa e punição.

Estas teorias nos remetem, de alguma forma, ao filósofo John Locke do século XVII, segundo o qual a criança constituía-se como uma espécie de “tabula rasa”. Este filósofo compara-a com uma chapa em branco, que, ao longo de sua vida, suas experiências iriam sendo impressas com a convivência da família, dos educadores e da sociedade.

Porém, tais ideias começam a ser questionadas:

Até a segunda metade do século XIX, o estudo da natureza humana era um atributo da filosofia. Os seguidores de John Locke, na Inglaterra, desenvolveram sua concepção empiricista da mente, que enfatizava a

origem das idéias a partir de sensações produzidas por estimulação ambiental. (VIGOTSKY, 1998, p.02)

Para Vigotsky, que também influenciou e ainda influencia muito a educação, o objetivo primordial de sua teoria foi unir a psicologia com a ciência mental, estudando os processos humanos mais complexos e a psicologia como ciência natural, em bases experimentais, criando situações de laboratório. Ele reconhece o homem como um ser biológico que só adquire características humanas inserido em um contexto sócio-histórico. Seu aprendizado devidamente organizado gera o desenvolvimento mental, colocando em movimento vários processos de desenvolvimento. Para ele, (...) *o maior problema da análise psicológica, para esses empiricistas ingleses, era descrever as leis de associação pelas quais sensações simples combinam-se para produzir ideias complexas.* (VIGOTSKY, 1998, p.02)

Para os que defendem a teoria de que o ser humano é um ser ativo e participante do seu próprio desenvolvimento, a criança traz uma espécie de programa, que será utilizado para agir no ambiente. Jean Piaget é um teórico que compartilha destes princípios e enfatiza a participação ativa da criança em seu próprio desenvolvimento.

Além dessas estruturas biológicas básicas, o homem herda também uma forma de funcionamento intelectual, ou seja, uma maneira de interagir com o ambiente, que leva à construção de um conjunto de significados que seja, portanto, resultante de herança. A maneira de interagir com o ambiente é que precipitará a organização destes significados em estruturas cognitivas. Estas são, conseqüentemente, produto do funcionamento intelectual e ganhos do próprio funcionamento, antes de serem seus pontos de partida já definidos por ocasião do nascimento. (AZENHA, 1994 p. 23).

Para ele, isso é o resultado das tentativas de se manter um estado de equilíbrio interno para a criança atuar em seu ambiente, e para isso, seus processos psicológicos são constantemente reorganizados.

Podemos notar que, ao longo da história, ocorreu um debate sobre a importância da hereditariedade e as influências do meio no desenvolvimento

humano. Hoje, já não se discute qual dos dois pontos é o mais importante, em lugar disso, comumente, existe o consenso de que ambos interagem e influenciam tal desenvolvimento.

A teoria psicanalítica clássica, desenvolvida por Freud, considera o desenvolvimento humano como uma interação entre necessidades e impulsos, inerentes ao indivíduo, além das forças ambientais. As normas sociais estabelecem os parâmetros em que os impulsos podem ou não ser expressos.

Segundo tal teoria, a criança passa por cinco fases de desenvolvimento psicosssexual e evolução libidinal, cada qual é definida por sua fonte de gratificação e prazer predominante, além de relações de objeto. O desenvolvimento final vai depender, então, de como a criança vai responder às frustrações na busca de suas gratificações.

A primeira fase da evolução libidinal é chamada de *fase oral*, nela, durante o primeiro ano de vida, a criança recebe prazer ao realizar a sucção, além de organizar a libido. A partir da excitação da cavidade bucal e da significação da experiência de nutrição, a relação de objeto se organiza e se exprime. Por exemplo, é possível citar que a relação de amor entre mãe e bebê se estabelece marcada pelo ato de ser alimentado (LAPLANCHE, 1991).

O bebê que é satisfeito em sua necessidade de sugar tem a tendência de desenvolver confiança no ambiente. Por outro lado, quando ele não é satisfeito em tal necessidade, pode desenvolver alguma frustração e permanecer, ao longo da vida adulta, em busca de satisfazê-la, como, por exemplo, desenvolver a compulsão por comida, fumar e roer unhas.

A segunda fase é denominada *anal*. Nela, o centro das experiências agradáveis desloca-se para a região anal, no controle intestinal e da bexiga, além de esperar resposta positiva dos pais em relação à nova habilidade desenvolvida. Nesta fase, a relação de objeto possui sua significação ligada aos atos de expulsar e reter urina e fezes. As pessoas frustradas na busca da satisfação do prazer, nesta fase, podem procurá-la no seu próprio controle e no controle sobre outras pessoas.

A fase *fálica* tem como fonte de prazer a atenção focada na região genital. Nesta fase, segundo LAPLANCHE (1991), a criança passa a perceber as diferenças anatômicas entre os sexos. O órgão genital masculino aparece como único, assim, para elas, a oposição entre os sexos resume-se entre as pessoas que possuem o falo e as castradas, este raciocínio é tanto para os meninos, quanto para as meninas.

De acordo com o mesmo autor, no complexo de castração existe a fantasia da consumação deste fato, o que para a criança, responderia a questão da diferença anatômica entre os sexos. Por isso, na imaginação infantil, a menina teria sido castrada. Porém, esse complexo se desenvolve de forma diferenciada entre meninos e meninas. A ausência de um pênis, nas meninas, é entendida como a realização da castração, que ela sente como um dano, o que a leva a negar, reparar ou compensar tal fato. O menino teme ser castrado pela ameaça paterna que sente em decorrência do complexo de Édipo.

Dessa forma, a fase *fálica* é também a fase do complexo de Édipo e é formado por um conjunto de desejos, alguns amorosos e outros hostis, sentidos pela criança em relação aos pais (LAPLANCHE, 1991). Forma-se um triângulo amoroso no qual existem amor e desejo inconscientes pelo genitor do sexo oposto, e desejo,

também inconsciente, pela morte do genitor do mesmo sexo. Mas, esse quadro também se apresenta de modo inverso: desejo e amor pelo genitor do mesmo sexo e desejo de morte pelo genitor de sexo oposto.

Na fase de *latência*, os conflitos da fase anterior são recalcados, assim como as necessidades intensas de prazer. Esta fase é compreendida entre o declínio da sexualidade infantil e o início da puberdade que surge na fase genital, ou seja, a latência é uma pausa na evolução da sexualidade e dessexualização das relações de objeto (LAPLANCHE, 1991).

Na fase *genital*, o impulso sexual ganha força novamente e o objeto de satisfação deixa de ser a mãe, mas sim os outros na sociedade. É quando se desenvolvem os relacionamentos sexuais adultos.

Segundo LAPLANCHE (1991), Freud em sua primeira teoria do aparelho psíquico define o inconsciente como portador de um vasto conteúdo recalcado, ou seja, conteúdos como pensamentos, imagens e recordações que estão ligadas a alguma pulsão e que são armazenadas no inconsciente.

Na segunda teoria do aparelho psíquico freudiano, as características do inconsciente são atribuídas, de modo geral, ao *Id*. Ao nascer, a criança possui o *Id* como pólo de pulsão libidinal inconsciente, seus conteúdos são em parte inatos, e em parte adquiridos e recalcados.

É a partir dele que vão surgir o *Ego* e o *Superego*. O *Ego* surge da repressão dos impulsos e da ação da criança no mundo, ele terá a função de intermediar os desejos do *Id* e as reivindicações do *superego* para a atuação do indivíduo na sociedade. Com a ação dos pais em tentar conter, em parte, os impulsos do filho, o superego é formado e funciona como uma consciência que vai guiar as ações,

classificando-as em certas ou erradas. Assim, o ego fica dividido entre a tentativa do Id em expressar seus desejos e o superego que as bloqueia. Uma das grandes dificuldades que o ego terá que enfrentar é o Complexo de Édipo. O ego terá que resolver o desejo de morte por um dos genitores e de união sexual com o outro, ambos desejos proibidos.

Outro conceito importante é a transferência. Nesse fenômeno, a pessoa ao se relacionar com outra, seja qual for esta relação, amorosa, de amizade, e mesmo entre professor e aluno, revive e repete modelos de relação vividos na infância. Porém, esses sentimentos são atualizados, ou seja, não são percebidos como sendo formados anteriormente na infância.

Os estudos de Freud foram muito utilizados pela educação, principalmente no que diz respeito à infância para entender comportamentos, como por exemplo, a sexualidade, tão notadamente presente nas crianças.

É claro que existem outras teorias psicanalíticas com teóricos que aceitaram muitos dos princípios da teoria freudiana, porém, sem dar tanta ênfase às tais fases de desenvolvimento. Este é o caso de KLEIN (1959), que traz como centro de seus estudos psicanalíticos as pulsões de vida e de morte, não defendendo que passamos por fases de desenvolvimento, mas sim posições que ao longo da vida podem ou não serem bem elaboradas, com a possibilidade de novamente aflorarem.

1.3. Psicanálise e educação no Brasil

Os primeiros registros que se têm sobre o uso da psicanálise no Brasil referem-se aos estudos desenvolvidos pelo psiquiatra carioca Juliano Moreira, por volta de

1914, que aplicou algumas técnicas em sua clínica e orientava seus alunos no estudo da psicanálise.

A teoria de Freud foi estudada primeiramente entre os psiquiatras, alguns simpatizando com ela e outros a recriminando, sendo chamada, por alguns, de tese pansexualista², *termo inventado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, foi utilizado para designar de forma pejorativa a doutrina freudiana, principalmente na Europa.* (OLIVEIRA, 2002, p. 133)

No início do século XX, a Europa passa por transformações políticas, econômicas, culturais e, conseqüentemente, sociais. Após o final da Primeira Guerra Mundial, a industrialização se desenvolve provocando profundas mudanças. No Brasil não é diferente, tais mudanças se refletem aqui não apenas nestes aspectos, mas também na “importação” de novas idéias, dentre elas, a psicanálise.

A teoria psicanalítica desenvolvida por Freud começa a ser estudada no Brasil e vai ao encontro dos anseios de educadores que pretendiam trazer inovações e um rompimento com a tradicional educação brasileira vigente.

Ao mesmo tempo, uma nova filosofia de origem liberal ganha força no país. É a chamada Escola Nova:

Forjada no ideário liberal, a “Escola Nova”, ou “Escola Progressista, como também ficou conhecida, surge no cenário educacional do país como uma opção ou mesmo como uma oposição ao ensino tradicional em vigor até então. Assim, esta nova política educacional partia do princípio de que a escola deveria atuar como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades de cada indivíduo. (ABRÃO, 2006 s.p.)

Com tal ênfase dada às peculiaridades da criança que pensa e age de forma diferente do adulto, torna-se necessário compreender tais características para melhor

² Pansexualismo - teoria segundo a qual todas as formas de comportamento se baseiam na sexualidade. HOUAIS, Dicionário Eletrônico, 2009.

educá-la. Dessa forma, a psicanálise é utilizada para suprir essas novas necessidades da educação, fornecendo meios para se entender o desenvolvimento emocional da criança e também ajudando a resolver problemas educacionais apresentados pelos alunos.

A este fator devemos conjugar o fato de que a iniciativa dos autores nacionais de tomar a psicanálise como um recurso auxiliar na discussão das questões educacionais encontrava-se em consonância com o momento histórico da época, que se caracterizou pela emergência de uma nova concepção de criança, que passa a ser vista como um indivíduo diferenciado do adulto, com regras próprias de desenvolvimento. Neste sentido, a psicanálise, ao enunciar as especificidades do desenvolvimento infantil, forneceu subsídios que contribuíram para sustentar o surgimento de uma nova filosofia educacional. (ABRÃO, 2009)

A psicanálise, primeiramente, passou por um período de divulgação junto aos educadores brasileiros, entre as décadas de 1920 e 1930. A partir de então, na década de 1950, passou a ser aplicada diretamente à higiene mental escolar através de clínicas de orientação infantil.

Com a criança sendo colocada no centro dos estudos educacionais, suas singularidades foram levadas em conta na elaboração e implementação de atividades pedagógicas. O fracasso escolar deixa de ser um problema que até então era depositado apenas na criança, agora pode ser estudado em suas causas mais profundas, para se buscar sua melhor solução. Ou seja, compreendendo melhor as características da criança, é possível perceber que o problema do fracasso escolar pode ter causas externas, não apenas a ação individual da criança.

CAPÍTULO 2

OS RECENTES ESTUDOS PSICANALÍTICOS ALIADOS À EDUCAÇÃO

Quem pesquisa procura descrever, compreender ou explicar alguma coisa. É uma das maneiras de que nos valem, em última análise, em qualquer campo de conhecimento, para solucionar problemas³

Para se conhecer as recentes contribuições da psicanálise para a educação, efetuou-se um levantamento bibliográfico sobre quais estudos vêm sendo realizados no período compreendido entre 2002 e 2006. Foram identificados os temas recorrentes sobre educação, abordados à luz da psicanálise, identificando a produção psicanalítica atual no que diz respeito à educação.

Primeiramente, foi feita uma busca em periódicos nacionais da área, cujas palavras-chave indicavam alguma referência à abordagem psicanalítica. O levantamento dos periódicos foi realizado seguindo o critério de pertencer ao acervo da biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), devendo apresentar a temática “educação e psicanálise”, além de serem

³ GATTI, Bernardete A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil* (p.09)

artigos pertencentes a periódicos com conceito *Qualis*⁴ A ou B. Além destes, também foram coletados artigos das bases de dados tais como *Bireme* e *Scielo*, seguindo-se os mesmos critérios de seleção.

A pesquisa justifica-se por adquirir conhecimento sobre os estudos que vêm sendo desenvolvidos, recentemente, com a contribuição da psicanálise para a educação. Este levantamento permitiu a análise das tendências, temas e teorias psicanalíticas que foram utilizadas e desenvolvidas, além de permitir conhecer o tipo de pesquisa - se empírica ou bibliográfica -, e quais as áreas de atuação de seus autores.

Efetou-se a coleta dos artigos, em seguida a leitura dos resumos e posteriormente houve a leitura dos textos na íntegra. Desde o início, a proposta seria de realizar uma pesquisa denominada “estado da arte”. Segundo FERREIRA (2002, p. 258), as pesquisas denominadas “estado da arte” são:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado.

Nem sempre, no entanto, apenas a leitura restrita aos resumos das publicações é o suficiente para fornecer dados mais concretos, uma vez que

⁴ *Qualis* é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. Disponível em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>. Acesso em 08/10/2010

normalmente eles são muito sucintos ou mal elaborados e acabam por omitir informações relevantes. Isso faz com que alguns pesquisadores prefiram analisar os materiais disponíveis integralmente, obtendo, dessa forma, fontes mais seguras das contribuições de tais produções. (FERREIRA, 2002)

2.1 Resultados do levantamento bibliográfico

Os periódicos selecionados para a pesquisa, pertencentes ao acervo da biblioteca da Faculdade de Educação foram:

- Cadernos de Psicologia,
- Educação e Filosofia,
- Educação e Pesquisa,
- Educação e Realidade,
- Educação e Sociedade,
- Educação em Revista,
- Educação Unisinos,
- Educação, Sociedade & Culturas,
- Educar em Revista,
- ETD Educação Temática Digital,
- Paidéia,
- Psicologia USP,
- Psyche: Revista de Psicanálise,
- Revista Brasileira de Educação Especial,
- Revista Brasileira de Sexualidade Humana.

Dentre tais periódicos produzidos no período compreendido entre os anos de 2002 e 2006, e a pesquisa realizada nas bases de dados eletrônicas, foram coletados um total de dezesseis artigos.

Dentre eles, nove são pesquisas bibliográficas e sete são empíricas. Sobre as abordagens psicanalíticas adotadas, cinco autores utilizaram a abordagem Freudiana; outros cinco uniram a abordagem Freudiana e Lacaniana. Outros seis autores utilizaram diferentes teorias: Freud e Winnicott; apenas Lacan; Winnicott, Bion, Klein e Freud; Lagache e Mannoni; Kupfer e, por fim, Freud e Kupfer.

Dentre as temáticas apresentadas estão:

- Contribuições da psicanálise para a educação (cinco artigos ao todo);
- Fracasso escolar (dois artigos);
- História da introdução da psicanálise no Brasil e na educação (dois artigos);
- Processos inconscientes na aprendizagem;
- Depressão na infância;
- Inclusão escolar de crianças com transtornos graves (dois artigos);
- Compreendendo o sujeito do conhecimento;
- Formação de professores;
- A infância contemporânea.

MOURA (2005), professor da faculdade de educação de Ouro Preto, no artigo “Um olhar clínico na sala de aula: uma nova metodologia pedagógica?” desenvolve uma pesquisa bibliográfica sobre o uso da psicanálise na educação, utilizando a abordagem psicanalítica Freudiana e Lacaniana.

Para o autor, Freud trouxe grandes contribuições para a compreensão das relações humanas, sobretudo, no que se refere aos conteúdos inconscientes até então não notados e conseqüentemente não compreendidos.

A escola aparece como uma célula social, assim, tais estudos são muito relevantes para o esclarecimento dos fenômenos educacionais ocorridos entre seus participantes. Na relação de aprendizagem ocorrida entre professor e aluno, o que conta não é apenas a transmissão de conteúdo, nem currículos extensos e diversificados. Se esses aspectos forem levados em conta, sem se considerar a subjetividade do educando e as relações, sobretudo transferências estabelecidas, a educação tende a fracassar.

Durante a infância, a escola exige que o aluno assimile rapidamente uma enorme quantidade de conteúdos, sem muitas vezes respeitar o tempo de cada um para assimilar os novos conhecimentos. O professor precisa cumprir um cronograma, assim, avança em seu planejamento anual, enquanto o aluno, ao final do período precisa provar que aprendeu.

O objetivo da educação não deve ser o mero acúmulo de conhecimento, mas sim o desenvolvimento integral do educando. Para isso, faz-se necessário o uso de uma atitude clínica em sala de aula, segundo MOURA (2005), a clínica não se restringe mais ao campo da medicina e tende a se tornar um método utilizado pelas ciências humanas.

Para demonstrar como tal ideia é atual, o autor cita os trabalhos realizados por Kupfer no instituto educacional "Lugar de Vida", do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, onde a psicanálise vem sendo utilizada no tratamento

de crianças especiais com graves distúrbios, considerando as dimensões institucional, familiar e educacional.

Na educação regular, a psicanálise auxilia o educador a compreender as particularidades da criança, perceber indícios sutis do que se passa em sua mente, além de lhe dar amor, sem perder a autoridade. Esta seria tarefa primordial do educador.

A criança, ao nascer, desenvolve seus sistemas de relação primários, inicialmente em uma família. Posteriormente, estes sistemas irão atuar em relações transferenciais sempre que se relacionar com outras pessoas, inclusive com professores, colegas de classe e com os conteúdos estudados.

No ambiente educacional, a dependência se estabelece primeiramente em relação ao ato de o professor acolher o aluno, para assim possibilitar uma relação de transferência no campo inconsciente da mente fazendo renascer experiências vividas anteriormente.

Compreender a relação de transferência possibilita ao educador direcionar o educando para libertar-se de alienações que o impedem de conhecer o novo em cada relação. Assim, sua identidade não será puramente cópia do outro, desenvolvendo o desejo de aprender.

CUZIN (2006), doutoranda em psicologia da educação da Faculdade Estadual de Campinas produziu um artigo intitulado: "Infância – educação e psicanálise: a (im)possibilidade de um diálogo?". A autora desenvolve uma pesquisa bibliográfica com abordagem psicanalítica Lacaniana, cuja temática é a busca da relação entre psicanálise e educação.

Para Cuzin, a criança, ao nascer, é inscrita em um ambiente social pela sua família, que cria expectativas para seu desenvolvimento e a conduz para esse fim. Essa criança, segundo as regras sociais, só assume suas características, segundo o ideal de infância, quando é estudante e frequenta a escola obrigatória.

Comparando dois campos de conhecimentos distintos, a psicanálise e a educação, pode-se afirmar que a educação tem como enfoque a aquisição do conhecimento, enquanto a psicanálise estuda o inconsciente e o funcionamento psíquico. Segundo a autora, cada um deles em seu papel, mas prestando seu auxílio à psicanálise, pode contribuir no conhecimento do funcionamento mental dos indivíduos envolvidos nos processos educacionais. O conhecimento psicanalítico é um campo novo que a educação vem utilizando para responder suas perguntas e tentar entender e solucionar problemas. Para a psicanálise, a busca pelo conhecimento, apresentado pelo professor, deve ser a mais sedutora possível, convidando o aluno a empreender suas próprias descobertas.

Ainda segundo a autora, o conhecimento constitui-se como objeto de desejo entre professor e aluno, e esta relação é permeada pela transferência que se estabelece inconscientemente entre eles. Quando o aluno não aprende, é preciso entender este fato, não como um problema, mas como um sinal de algo mais profundo que precisa ser investigado para que ele se liberte de estruturas psíquicas que o impedem de se relacionar de forma saudável com o ambiente escolar e o conhecimento.

A autora também defende a inclusão de alunos autistas e psicóticos na escola, convivendo com alunos de classes "normais" (CUZIN, 2006). Porém, ainda falta preparo dos profissionais da educação para acolher esses alunos de forma a proporcionar-lhes uma interação social que auxilie em seu tratamento.

MARIOTTO (2003), professora do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), psicanalista, doutoranda em psicologia escolar apresenta o artigo "Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise"; com abordagem Freudiana em educação e psicanálise com método empírico.

A autora é ainda supervisora de estágio do curso de psicologia da universidade em creches mantidas pela mesma instituição, com o objetivo de auxiliar na formação do profissional psicólogo e ao mesmo tempo fornecer apoio junto às equipes de educadores, crianças e pais.

Já existe um bom número de estudos relativos à psicanálise e educação com temas geralmente relacionados à inclusão, ao fracasso escolar e à escolarização de crianças com distúrbios de desenvolvimento. No que se refere a essa parceria em creches, ainda há muito a ser estudado e desenvolvido.

Porém, esse é um quadro que tende a ser modificado já que a creche, atualmente, não tem apenas o aspecto assistencial, passa a ter um estatuto educacional, sendo incluída na educação infantil obrigatória. Além disso, segundo pesquisas do Grupo Nacional de Pesquisa (GNP), os estudos psicanalíticos referentes aos trabalhos sobre crianças pequenas e bebês têm aumentado consideravelmente nos últimos anos para a detecção e prevenção de distúrbios psíquicos, justamente na faixa etária de atendimento das creches.

Com o surgimento das creches, a família deixa de ser o único ambiente de desenvolvimento da criança. No momento em que passa a frequentar a creche os educadores que nela trabalham começam a dividir com a família a responsabilidade de acompanhar o processo de desenvolvimento da criança.

Ainda segundo MARIOTTO (2003), a creche, além de oferecer cuidados básicos, ambiente estimulador do desenvolvimento motor e cognitivo, trocas afetivas, também é um elemento simbólico no desenvolvimento psíquico da criança, que irá fazer parte da sua construção subjetiva, uma vez que a creche participa dos tempos precoces desta subjetivação.

Segundo a autora, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) de 1996 determina que a educação infantil deva ser baseada em princípios como o espaço destinado aos jogos e brincadeiras e o acesso ao conhecimento elaborado, sem considerar que a aquisição de estruturas operatórias complexas depende do ato de brincar para se desenvolverem. MARIOTTO (2003, s. p.) faz uma afirmação importante neste artigo:

(...) a educação infantil deve basear-se em determinados princípios, entre os quais estão a garantia de espaço para o jogo e o brinquedo e a oportunidade de acesso ao conhecimento elaborado. O que surpreende é o fato de que a "aquisição de estruturas operatórias de pensamento" (LDB, 1996, p. 17) não supõe como instrumento o brincar e/ou o jogo. A este aspecto, atribui-se a construção das emoções e formação do caráter. Abolir o brincar em nome do ensinar é impedir a criança de aprender, já que, para alcançar o tempo da compreensão cognitiva, é necessário que haja o momento do registro, das primeiras inscrições, que se realiza fundamentalmente pelo brincar.

MARIOTTO (2003) acredita que para a educação infantil brasileira estão previstas duas funções: a de cuidar e a de educar, ambas interligadas, ou seja, a educação deve estar integrada a situações de cuidado. Além de brincadeiras e aprendizagem, deve propiciar interação social baseada no respeito, na confiança e na aceitação. No ambiente da creche, a criança terá que se adequar a regras, o ato educativo proporciona renúncia às pulsões. Além disso, ela deverá submeter-se ao processo civilizatório, que implica justamente no recalque das pulsões.

Em seu artigo "Sobre a relação entre educação e psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação", MACIEL (2005), professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), aborda a temática psicanálise e educação com base na teoria freudiana, realizando uma pesquisa bibliográfica.

A autora inicia o texto retomando as contribuições psicanalíticas de Freud, relacionando as teorias desse com a educação. A descoberta de Freud sobre o inconsciente demonstrou que sempre existirá algo desconhecido na mente humana e isso também se refere a tudo o que aprendemos.

Na relação professor/aluno existe a transmissão de conhecimento de forma inconsciente, além do fenômeno da transferência, que ocorre não apenas nessa relação, mas em todos os relacionamentos. Além desses fenômenos, a educação também atua como um auxílio no ato de sublimação sexual. A curiosidade em aprender deriva-se da curiosidade e da investigação sexual, um direcionamento da pulsão sexual que não deve ser excessivo.

Segundo MACIEL (2005), é possível observar que na construção da subjetividade, as características tendem a uma posição depressiva e apática, ou, por outro lado, de característica narcísica com atos de violências desfavorecendo o bem coletivo.

Para MACIEL (2005), a sociedade é formada por pessoas, muitas vezes, individualistas, que não se contrapõem a essa apatia e ao narcisismo, impedindo o exercício da criatividade e o conhecimento subjetivo entre as pessoas. A educação, em conjunto com a psicanálise, deve constituir-se com espaço de criação, permitindo a expressão individual e favorecendo o desenvolvimento de pessoas mais atuantes nas próprias experiências. Isso porque a sociedade induz à

padronização, o que impede o desenvolvimento da autonomia e se reflete também na educação, com políticas educacionais que fazem da educação uma simples aplicação de teorias que muitas vezes estão distantes das realidades enfrentadas por professores e alunos.

No texto "Sigmund Freud: para uma educação além da pedagogia", LAJONQUIÈRE (2008), psicanalista, professor titular da Universidade de São Paulo, docente na faculdade de educação da USP, utiliza a abordagem Freudiana e realiza uma investigação bibliográfica a respeito das contribuições da psicanálise para a educação.

Freud nunca desenvolveu diretamente uma teoria de natureza escolar, mas comentou a educação, a pedagogia e a sua própria experiência escolar. Com isso, abriu-se um campo para que estudiosos da educação aplicassem conceitos psicanalíticos. Dentre estes estudiosos destacam-se: Oscar Pfister, August Aichhorn, Hans Zullieger, Anna Freud. Além deles, há outros psicanalistas preocupados em estender a terapêutica psicanalítica para as crianças, a educação e a convivência delas com os adultos, como: Sandor Ferenczi, Melaine Klein, Françoise Dolto, Maud Mannoni e Catherine Millot.

Há a pretensão de se utilizar de uma educação para a realidade e não para a profilaxia de males psicológicos. Isso se deve por ser impossível praticá-la, e não deve ser confundida, nem substituída pela psicanálise. O ideal é promover um tratamento misto, que por sua vez diferencia-se da análise aplicada aos adultos, levando a criança a uma castração que humaniza.

DECOURT (2006), psicanalista da UFRJ, atua como orientadora educacional. Seu artigo "O fracasso escolar em meninos: como se servir do pai quando este é

dispensado como homem?" apresenta abordagem Lacaniana e Freudiana, constituindo-se uma pesquisa empírica sobre a temática do fracasso escolar em meninos.

Este artigo apresenta um trabalho desenvolvido em uma escola onde a psicanálise foi utilizada para auxiliar na solução dos problemas encontrados na mesma instituição.

Atualmente, a psicanálise se vê diante de sofrimentos que fazem parte das mudanças sociais ocorridas, como por exemplo, a diminuição da função paterna, seja na família, na educação e na cultura de um modo geral.

O fracasso escolar é outro sofrimento psíquico que vem sendo muito discutido. Especificamente, nesta pesquisa o fracasso escolar, que atinge os meninos, chama a atenção da pesquisadora, uma vez que, durante o estudo, constatou-se que é maior o número de meninos que enfrentam o problema.

DECOURT (2006), ao estudar os casos apresentados na escola em que desenvolveu sua análise, percebeu que entre os alunos, mais precisamente os alunos que estudam entre a quinta série do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio, os meninos é que apresentam pior rendimento e com notas baixas, não respondendo aos esforços da escola em oferecer reforço, conversas com os pais, recuperação e provas diferenciadas.

A equipe pedagógica da escola descreve estes alunos como desinteressados, indiferentes e sem vontade de aprender. Depois desse levantamento preliminar, a autora traçou um plano de intervenção, primeiramente, com a realização de entrevistas com os responsáveis; depois, por meio de entrevistas com os alunos, estabelecendo qual direção deveria ser tomada em cada um dos casos, se apenas

acompanhamento na escola seria o suficiente ou se havia a necessidade de encaminhamento clínico.

O desenvolvimento sexual das meninas e dos meninos é diverso, pelas próprias distinções anatômicas entre os sexos: à menina, já sendo castrada, resta sentir inveja do pênis que não possui, enquanto o menino tem o medo da castração, medo de perder esse objeto tão cobiçado.

Segundo DECOURT (2006), o pai, na relação edípica com o filho, é, inconscientemente, o possível agente da castração, aquele que impede a concretização do desejo incestuoso do filho em relação à mãe. Assim, nessa complexa relação, não apenas a figura de pai está em jogo, mas a de homem que desejou sexualmente uma mulher e a tornou mãe de seus filhos.

A família possui o papel de transmissora cultural, também orienta os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico e das estruturas de comportamento e representação. No entanto, a maternidade sem a figura ativa do pai dificulta ou até mesmo impede que o menino se sirva de sua figura e ação castradora. Neste artigo, a autora deixa ainda sem respostas questões sobre sexualidade e sobre o fracasso escolar.

No artigo “Sintoma escolar: uma questão de sentido e direção”, a autora BOSSA (2002), doutora em educação pela Universidade de São Paulo, atualmente professora do Instituto de Psicopedagogia da Universidade de Santo Amaro, estuda o tema fracasso escolar sob as abordagens Freudiana e Winnicottiana, tendo realizado uma pesquisa empírica.

A autora realizou seu estudo a partir da identificação do sintoma fracasso escolar presente nas clínicas de orientação psicanalítica. Esse sintoma geralmente é

considerado como de origem na organização social atual, que espera que a criança alcance as expectativas desta organização. A educação é uma das portas de entrada para a sociedade, no entanto é necessário levar em consideração a dimensão individual.

Segundo BOSSA (2002), A psicanálise vai contra essa expectativa de que todos consigam atingir a plenitude esperada pela sociedade, já que boa parte dos fenômenos inconscientes, inclusive os desejos, existem, apesar da moralidade instituída. O propósito de todas as pessoas é alcançar a felicidade e a união em comunidade, o que as obriga a buscar um equilíbrio entre o bem-estar próprio e o bem coletivo, podendo causar, conseqüentemente, o sofrimento quando o desejo pessoal não pode ser satisfeito para que o bem-estar social ocorra.

Outro ponto importante a ser estudado é a formação do ego, que se dá pelos modelos sociais, enquanto o superego é formado pelo complexo de Édipo. Além disso, o desenvolvimento emocional inicia-se no ventre materno. O que ocorre, segundo o autor, é que a formação emocional da criança pode não ser aceita no ambiente escolar. Isso porque quando se analisa o fracasso escolar, não se deve olhar apenas para o aspecto social do problema, mas também para o lado individual de cada um, que carrega em si características e marcas do desenvolvimento emocional desde seu nascimento.

ABRÃO (2006), professor da Universidade Estadual Paulista, no artigo: "As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX", aborda a temática: introdução da psicanálise no Brasil e na educação, com abordagem Freudiana e pesquisa bibliográfica.

O autor reconhece que existem bons livros sobre psicanálise e educação, mas que pouco falam sobre a história das influências da psicanálise na educação brasileira durante o século XX.

Em 1920 a sociedade brasileira queria modernizar-se e estava mais aberta ao novo, desta forma a educação tradicional foi perdendo espaço para uma nova filosofia educacional - a "escola nova" ou escola progressista -, com ênfase nas peculiaridades infantis.

Entre os anos de 1920 a 1930 houve a divulgação da teoria psicanalítica junto aos educadores (escola nova). Os estudos deste autor concentram-se na primeira metade do século XX, e neste recorte histórico, ele analisa a aplicação da teoria psicanalítica em um período compreendido entre 1930 e 1950. Segundo o autor, neste período, a aplicação da psicanálise à higiene mental escolar corresponde ao atendimento ao escolar deficitário oferecido pelas clínicas de orientação infantil com avaliação e orientação. E depois, orientação a pais e professores. A psicanálise foi utilizada como uma forma de ajustamento à educação e não para a compreensão da subjetividade da criança.

No artigo "Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação", OLIVEIRA (2002), socióloga, doutora em história pela Universidade de Paris VII; pós-doutoranda da FAPESP no laboratório de psicopatologia fundamental do programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica da PUC-SP; aborda a temática história da introdução da psicanálise no Brasil e na educação, tendo realizado pesquisa bibliográfica com abordagem Freudiana.

O estudo das obras freudianas no Brasil foi utilizado, primeiramente, pelo psiquiatra carioca Júlio Pires Porto-Carrero para conhecimento do funcionamento

mental humano. Além da utilização destas obras, também é preciso citar o livro "O pansexualismo na doutrina de Freud de autoria de Franco da Rocha.

Esse primeiro interesse pela psicanálise oscilou entre a resistência e a fascinação pelos novos estudos da mente humana e surgiu como tendência o uso da associação livre e, em menor número, a interpretação dos sonhos.

Com o manifesto dos pioneiros da escola nova, a criança passou a ser estudada em sua singularidade, diferente do adulto. Assim, a teoria psicanalítica passou a ser utilizada para explicar algumas, ou várias, características infantis.

OLIVEIRA (2002) afirma que com base nos estudos psicanalíticos, os estudiosos do início do século XX demonstram que a educação deve considerar a sexualidade infantil, combater a educação tradicional, mas sem ser uma educação excessivamente permissiva, com uma solução intermediária.

A pedagogia, não sendo suficiente para esclarecer sobre os conflitos emocionais de natureza sexual que estão na origem das neuroses, recorre à psicanálise, ela é utilizada para solucionar, entre os escolares, casos de agressividade, timidez, rebeldia, crianças mentirosas, etc.. A infância torna-se o alvo principal da psicanálise, uma vez que este período da vida humana é o momento da formação da personalidade do indivíduo e sua inserção no meio social, idéias que vão ao encontro da nova pedagogia *escolanovista*.

No artigo "o inconsciente na sala de aula", D'AGORD (2002) psicóloga, psicanalista, doutora em psicologia do desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora do departamento de psicanálise e psicopatologia do instituto de psicologia da UFRGS, aborda a temática dos processos

inconscientes na aprendizagem, tendo realizado pesquisa empírica com as abordagens freudiana e lacaniana.

Segundo a autora, a teoria psicanalítica esclarece acerca das formações do inconsciente, tais como os sintomas, os sonhos, os chistes, os atos falhos e as lembranças encobridoras.

Em sua pesquisa, buscou a investigação de fenômenos inconscientes que pudessem manifestar-se entre os integrantes de uma sala de aula. Observou, ainda, dois grupos de alunos no ambiente, ambos com crianças na idade de onze anos que haviam recebido propostas de pesquisa pelos professores.

No primeiro grupo em que foi feita a socialização da pesquisa: "Por que os seres não caem da terra?", o primeiro fenômeno observado foi o raciocínio inferencial e os processos inconscientes de equilíbrio dos sistemas cognitivos. Ao falar sobre a lei da gravidade, uma aluna fez uma relação com o magnetismo e realizou a experiência de passar a caneta várias vezes no cabelo e em seguida sobre papéis picados para que grudem na caneta.

Quando a aluna realizou esta experiência, ocorreu um chiste quando um aluno disse: *Será que não são os piolhos que pegam o papel?*. Este fenômeno enunciado - o chiste - é caracterizado pela brevidade, com caráter lúdico, que irrompe espontaneamente e provoca risos no grupo de ouvintes.

É um chiste produzido pela técnica do absurdo *nonsense*, ao unir a teoria da eletricidade e a possível existência de piolhos (D'AGORD, 2002). Unidos pela *condensação* – *Verdichtung* – uso múltiplo do mesmo conceito de atração.

Também são detectados os fenômenos de *Verschiebung* - quando ocorre o deslocamento do conceito de atração, e o *Absence* - a produção de repentino relaxamento da tensão intelectual que favorece a aprendizagem.

No segundo grupo, o tema da pesquisa era: "O espaço e o sistema solar". Na socialização oral, os alunos imaginaram-se viajando pelo espaço, enquanto isso, o tempo passaria na terra e eles retornariam jovens, podendo contar sobre o passado.

Essa imaginação constitui-se um *Devaneio em Alteridade* - produção de uma narrativa em 1ª pessoa, que aparece como substitutivo do brincar, ou seja, a criança, ao crescer, vai abandonando o brincar com objetos reais, passando a brincar em fantasia – os devaneios. Tais devaneios mostram que os desejos e os processos cognitivos são indissociáveis.

Quando um aluno é interrogado sobre a escolha do objeto de pesquisa - a galáxia - responde que isso ocorreu porque, quando mais novo, queria um ioiô cujo nome era *galax* e não o conseguiu. Desta forma, estudar esse tema resolveu algo do passado, um desejo que ficou mal resolvido. Segundo a teoria lacaniana (D'AGORD, 2002), o ioiô seria o objeto A de origem; e o objeto B (a pesquisa) surge para dar sentido ao objeto A, além de ser uma tentativa de suprir o desejo não realizado anteriormente.

No artigo "Depressão na infância: um estudo exploratório" (2005), CALDERARO, psicóloga, especialista em saúde mental e intervenção psicológica, membro do núcleo de estudos e pesquisas em desenvolvimento humano do departamento de psicologia da Universidade de Maringá (UEM) e CARVALHO, psicóloga, mestre em psicologia, docente do departamento de psicologia da UEM, membro do núcleo de Estudos e pesquisas em desenvolvimento humano da mesma universidade;

abordam o tema *depressão na infância* ao realizarem pesquisa empírica com as abordagens winnicottiana, freudiana e bioniana.

Segundo as autoras, os responsáveis pelas crianças geralmente procuram pediatras para a busca da solução de sintomas apresentados por elas, tais como: cefaléia, dores abdominais, apetite exagerado ou a falta dele, insônia, irritabilidade, agressividade, irritabilidade, passividade, excessiva, choro frequente, dificuldades cognitivas, entre outros.

A criança depressiva envolve-se frequentemente em situações de perigo para sua integridade física, mesmo tendo consciência desse risco. Conflitos inconscientes a levam a tais comportamentos, podendo até manifestar o desejo de morrer por suicídio.

Para as autoras, na busca de se detectar os sintomas, é necessário observar os comportamentos das crianças como um todo, pois ainda apresentam dificuldades para expressar seus sentimentos. A situação ideal é a que a criança esteja inserida em um ambiente familiar acolhedor e protetor, assim, para melhorar a saúde mental, é preciso orientar os pais na mudança do padrão familiar em vigor.

As patologias mentais são um conjunto de fatores hereditários e ambientais, conseqüentemente, a miséria social favorece o aparecimento da depressão na infância.

Além disso, são geralmente pertencentes a famílias incompletas, muitas vezes sem a figura paterna/masculina presente. A figura materna também aparece como sendo de fundamental importância, na teoria bioniana, a mãe tem a função de *Continente* - acolher as cargas projetivas do filho, dando-lhes um sentido.

Outro conceito importante é o de *Reverie* - a mãe deve conseguir captar intuitivamente (ou inconscientemente) o que se passa com o filho desde quando é apenas um bebê, para que ela possa entender suas necessidades, criando-se um relacionamento em que ambos se entendam. Mas a mãe só será capaz de auxiliar seu filho dessa forma, em suas angústias, se for capaz de compreender seus próprios sentimentos, caso contrário, ambos não estabelecerão um vínculo positivo prejudicando o desenvolvimento de forma saudável da criança.

Ainda falando sobre o papel materno, a teoria winnicottiana esclarece que o papel acolhedor da mãe, fornece a ilusão de que a satisfação das necessidades do bebê ocorre por sua vontade e o fortalece em sua capacidade criadora. Após o estabelecimento de tal ilusão, aos poucos a mãe vai desiludindo-o, fazendo-o compreender a existência do mundo externo.

Nessa investigação, utilizou-se o jogo diagnóstico que consiste em, por meio do brincar, a criança falar de si simbolicamente. Também foram utilizados os desenhos-histórias que consistem em produções gráficas seguidas de um relato da criança, descrevendo sua produção.

Foram realizadas entrevistas com os médicos que tinham relação com as crianças estudadas. Eles relataram que, por serem sobrecarregados pelo intenso trabalho na rede pública de saúde, sentem muita dificuldade em dar um diagnóstico correto em relação à saúde mental das crianças.

Quando os educadores foram entrevistados, relataram que pela experiência com as crianças, acreditam que a desestruturação familiar e a situação econômica aparecem como causa da agressividade, da indisciplina e da depressão infantil.

Abaixo, apresentam-se brevemente, casos de crianças depressivas relatados no artigo:

NÁDIA	Através do desenho-estória relatou que ainda não havia almoçado naquele dia e andava muito para chegar até a escola.
ANDRÉIA	Recolhe lixo nas ruas, a mãe já foi denunciada por negligência, mora em uma casa com mais quinze pessoas e acaba por compartilhar a mesma cama com adultos.
GISELE	Está exposta a uma carga excessiva de estímulos sexuais, porque dorme na mesma cama com os pais. Estes foram aconselhados a separar as camas. Mas, geralmente, quando esse problema ocorre, muitas vezes alegam falta de dinheiro para isso.
VITOR	É agressivo, ansioso, sofria violência por parte do pai.
ALAN	Sofria constantes agressões do pai e também apresentava comportamento agressivo.
GUSTAVO	Nasceu em um presídio, é agressivo, apresenta mudanças súbitas de comportamento, não conhece a mãe e fica confuso, pois chama a avó de mãe, enquanto os primos a chamam de avó.
GLAUCO:	Não foi criado pela mãe, é agressivo, hiperativo. Seu ego está fragilizado pela falta de objetos bons.

Todos estes sintomas apresentados pelas crianças constituem-se como pedidos de ajuda para seus sofrimentos psíquicos. Como se pode observar, estas crianças só terão o quadro em que vivem modificado, caso as pessoas com quem convivem modifiquem suas atitudes.

O doutor em psicologia ZUGUEIB NETO (2004), professor do departamento de psicologia da Universidade Federal do Paraná, publicou o artigo "Alternativas para o tratamento em saúde mental: estratégias psicopedagógicas no atendimento a jovens portadores de distúrbios emocionais severos".

Seus estudos são de base empírica utilizando das teorias de Lagache e Mannoni. Sua temática é a pedagogia e intervenção psicoterapêutica no tratamento de distúrbios emocionais graves.

Para a construção da aprendizagem de um jovem com distúrbios emocionais graves faz-se necessário a junção da ação pedagógica com a psicoterapêutica para a inserção escolar e social, indo contra tratamentos psiquiátricos tradicionais de

confinamento dos pacientes, que muitas vezes, baseia o tratamento apenas em receituários de medicação.

É de fundamental importância para o desenvolvimento da criança e do jovem que interajam socialmente, enriquecendo suas experiências com a conquista da autonomia, sentindo-se aceito, tanto pela família quanto pela sociedade, para que possam sentir-se seguros para resolver seus conflitos internos.

A aceitação da criança começa pelos pais, que vêem seus sentimentos narcísicos feridos pelo nascimento de uma criança com necessidades especiais, o que vai contra os sonhos idealizados durante a gestação.

Tais crianças exigem grande atenção por parte da família, que também precisa aceitar as frustrações. Tudo isto pode despertar indiferença, angústia, impotência, culpa ou ação superprotetora, transformando o ódio em seu oposto: sentimentos que devem ser trabalhados com a ajuda de profissionais qualificados.

Segundo o autor, utilizando-se a psicanálise é possível compreender que o processo educacional ajuda a canalizar e ordenar pulsões para que a criança especial venha a ter um convívio social mais saudável. Isto vai ao encontro dos objetivos da pedagogia em promover tal integração, que abrange os aspectos do consciente, aliado à psicanálise que estuda os processos inconscientes como, por exemplo, a introjeção e a identificação. Estes fenômenos, dependendo de como se desenvolvem, podem dificultar a integração desse indivíduo com as outras pessoas.

Para ilustrar suas idéias, o autor relata o caso de um menino que começou a receber tratamento psicopedagógico através da ambientoterapia, *em que todos os recursos do ambiente são utilizados como recursos terapêuticos* (ZUGUEIB NETO, 2004, p. 114). Aos cinco anos de idade, este menino estava apresentando distúrbios

severos de retraimento social e de baixa comunicação. Com o tratamento, conseguiu aceitar e estabelecer vínculos, desenvolvendo a confiança em relacionar-se com as pessoas e o ambiente.

SERENO (2006), psicanalista, mestre em psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP); supervisora da equipe de atendimento terapêutico que publicou o artigo "Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva", utiliza-se da teoria de Maria Cristina Kupfer para desenvolver um estudo empírico sobre a inclusão escolar de crianças com transtornos graves.

A autora faz parte da equipe do núcleo de referência em psicoses (NRP) que atuou em parceria com o instituto *Sedes Sapientae*, a clínica psicológica da PUC São Paulo e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo no acompanhamento de processos de inclusão de crianças com transtornos graves nas escolas.

A inclusão de crianças autistas e psicóticas na escola é de grande importância, não apenas pela inclusão social, mas também por se tratar de um lugar subjetivante, possibilitando a reorganização da estrutura psíquica do sujeito.

É muito difícil ensinar crianças que não possuem curiosidade, que deveria ter se organizado durante as investigações sexuais marcantes da fase edípica. Quando isso não ocorre, o que pode ser feito é promover curiosidades parciais.

A inclusão favorece a mais básica das aprendizagens, que é a convivência, o eu precisa do outro para se construir, reconhecendo-se no outro e reconhecendo sua diferença. A inclusão da criança no ambiente escolar inicia-se com a ida dela e dos acompanhantes terapêuticos intercessores até a escola, que ficarão em espaços variados, como o pátio, a cantina e o refeitório, possibilitando a convivência

com alunos e funcionários. Segundo SERENO (2006, p. 175), estes acompanhantes terapêuticos têm papel importante para a criança:

(...) traduz para ela a ambivalência, o movimento geral e o mínimo movimento, a polifonia, todos os atravessamentos que constituem o território e o silêncio mais surdo (bastante próximo da atenção flutuante). Além disso, nomeia e dá sentido às situações que vão ocorrendo.

A escola recebia a orientação de dois terapeutas que elaboravam estratégias de intervenção, um deles atuando como o terapeuta intercessor que servia como referência para a criança e mediador da relação da criança com o professor e com as outras crianças em sala de aula. Quando a criança está ambientada, o terapeuta vai encorajando-a a agir sozinha e ter segurança, até que possa sentir-se segura. Segue-se a isso o total desligamento, quando a presença do terapeuta já não se faz necessária.

No artigo “O sujeito do conhecimento a partir do seu lugar de efeito” a psicanalista, membro da APPOA e professora da Faculdade de Educação da UFRGS MOSCHEN Rickes (2003), aborda a formação do sujeito do conhecimento utilizando-se das abordagens psicanalíticas lacaniana e freudiana, realizando pesquisa bibliográfica.

Para Freud, a construção do conhecimento é uma consequência do caráter específico de sua organização interna, efeito também da forma como se coloca ao mundo, e não há um mundo que não possa ser apreendido sem a mediação do psiquismo do sujeito. A estruturação do sujeito, segundo Lacan, dá-se pela alienação e separação na relação com o outro, marcando a fronteira entre o eu e o outro.

Para Freud, o bebê nasce apenas com reflexos inatos, a reação biológica é a abertura para o mundo, dependendo da relação com o outro para que se situe em seu mundo de significações, nomeando suas sensações e o mundo externo.

Mesmo antes de nascer, é criada uma imagem desta criança, construindo a alienação do sujeito, mas é justamente esta ação que vai servir de sustentação para o bebê e possibilitará, futuramente, que ele aja de forma autônoma. Para Freud e Lacan o sujeito é separado da mãe pela figura paterna, um sujeito, efeito, que não está no completo domínio de suas ações.

Para Piaget o sujeito é ativo e se estrutura por suas ações no mundo que só são possíveis pela maturação biológica dos ciclos. O sujeito-efeito apresenta sistemas cognitivos abertos para as trocas com o meio, o que provoca desequilíbrio, mas esses sistemas também são fechados no que se refere aos ciclos de desenvolvimento ligados ao processo de assimilação e acomodação.

Para RICKES (2003), a construção do conhecimento possui a dimensão da produção e da ignorância, ou seja, domínio e alienação. Para Piaget, Freud e Lacan, o sujeito se produz como efeito e não propriamente com o seu completo domínio, pois ocorre dentro de limites.

No artigo "Críticas Piagetianas e psicanalíticas à atual formação de professores", PETRY (2006), professor de psicologia da Educação no Centro Universitário UNILASALLE, aborda o tema formação de professores sob a teoria de Freud e Kupfer, realizando uma pesquisa bibliográfica.

Segundo o autor, todos nós sabemos da insatisfação recorrente em relação à educação de crianças e adolescentes e a solução para tal problema seria, para alguns, a "reciclagem" de professores por meio de cursos que trouxessem novas

teorias educacionais. Os professores não estariam acompanhando as mudanças tecnológicas, enquanto escreve no quadro negro com o giz, os alunos já utilizam computadores e a Internet. Hoje, crianças e adolescentes pensariam de maneira diferente daquilo que seus professores vivenciaram no passado.

A teoria piagetiana trata questões relativas à aprendizagem e métodos de ensino. A teoria psicanalítica trata de relações entre professores e alunos e do desenvolvimento psíquico.

Freud relatou a perda das lembranças infantis (amnésia infantil), experiências tão marcantes que influenciam toda a vida do sujeito. Se a amnésia atinge tais lembranças de fatos estruturantes, no que se refere à educação recebida, também não escapa o esquecimento. Isso pode permitir à pessoa, criar, futuramente, a ilusão de que esta educação fora melhor do que a que existe atualmente.

Ambas as teorias são distintas, mas podem ser utilizadas na formação de educadores. Porém, em primeiro lugar, todo formador deve ter um compromisso com a verdade, defender teorias que realmente conheça sua aplicação prática e real eficácia.

O professor deve permitir-se, sem se culpar, de criar sua própria forma de trabalhar a partir da subjetividade, de seu conhecimento e experiência. Não deve ser feita, segundo o autor, a exigência de que o educador passe por análise para ser considerado um profissional apto para exercer sua profissão, não é apenas esse tipo de trabalho que a psicanálise pode oferecer.

No artigo "A psicanálise e o debate sobre o desaparecimento da infância", LAJONQUIÈRE (2006), professor da faculdade de educação da Universidade de São

Paulo, realiza uma pesquisa bibliográfica com abordagem lacaniana e freudiana sobre o tema infância contemporânea.

Na atualidade, a sociedade diz observar que as crianças são diferentes das dos tempos anteriores, a partir disso, há a idéia de que a pedagogia e a psicologia devam adaptar-se a esta nova realidade.

A infância é uma invenção social e não da criança, uma vez que ser criança não significa ter infância. Na verdade, nenhuma criança possui infância, apenas o adulto pode falar do seu passado infantil. Sem se prender à determinação social e biológica, cada situação institui sua própria subjetividade. Pela tríade lacaniana: real, simbólico e imaginário, o ser humano nasce incompleto, o caráter biológico incompleto é real, enquanto a ânsia de totalidade faz pulsar o imaginário e o complemento é o simbólico.

A criança, ao nascer, está sendo introduzida em um velho mundo dos adultos que ela deve conhecer. O adulto, por sua vez, também está conhecendo alguém novo, estabelecendo comunicação com alguém que acaba de chegar e também precisa ser compreendido.

A escola incorporou a tensão narciso/desejo embutida na infância. A escola surge como instituição moralizante, agora, a criança não está apenas no ambiente familiar, está fazendo parte de um convívio público.

Vimos nesse capítulo que a psicanálise pode abarcar uma gama enorme de temáticas acerca da educação: as contribuições da psicanálise para a educação, o fracasso escolar, a história da introdução da psicanálise no Brasil e na educação, os processos inconscientes na aprendizagem, a depressão na infância, a inclusão escolar de crianças com transtornos graves, a compreensão do sujeito do

conhecimento, a formação de professores e a infância contemporânea, à luz de diferentes abordagens.

CAPÍTULO 3

A CRIANÇA E O ALUNO SOB A VISÃO PSICANALÍTICA

A análise demonstrou como a criança continua a viver quase inalterada no doente, bem como naquele que sonha e no artista.⁵

Muito se fala atualmente nos problemas educacionais brasileiros, problemas de aprendizagem dos alunos, professores mal formados ou que são desvalorizados em seu ambiente de trabalho, seja pelo aluno, pela própria sociedade ou pelo sistema educacional vigente (DUPAS, 2008). Há pais que não se preocupam em participar da vida escolar dos filhos. Em cada momento, a culpa recai sobre uma das partes, ora o professor, ora o aluno, ou a família, ou, ainda, sobre o estado que administra o sistema educacional no país.

Todas essas questões são complexas e por esse motivo, antes de agir na prática da sala de aula, é preciso analisar com um bom embasamento teórico todos os pontos que desencadeiam os problemas que atingem a educação brasileira, com

⁵ FREUD (1969, p. 307) *apud* DUPAS (2008, p. 34).

olhos para o que está nas entrelinhas das relações dos que fazem parte, direta ou indiretamente, da educação.

É isso o que se pode perceber ao analisar os artigos coletados para este trabalho, uma busca pelas soluções de problemas que afligem todos os envolvidos no meio educacional. Segundo DUPAS (2008), a psicanálise é mais uma contribuição para a tentativa de compreender as vicissitudes da educação e que também pode oferecer elementos para se pensar um projeto educacional.

(...) a psicanálise possui importantes instrumentos teóricos e competência prática para contribuir na compreensão da subjetividade humana, promovendo interfaces com outras áreas do conhecimento, especialmente a educação, considerada por Freud a mais importante por tratar das novas gerações – e por isso é plena de esperança. (DUPAS, 2008, p.13)

Muitas crianças, segundo DUPAS (2008), são levadas aos consultórios médicos apresentando sintomas como agressividade, enurese, falta de sono ou de apetite, hiperatividade, apatia, entre outros. Geralmente, diante desses fatos, os médicos receitam remédios que apenas agem nos sintomas que estão se manifestando fisicamente.

Segundo DUPAS (2008), porém, é preciso partir do sintoma para buscar as causas e, assim, realmente resolver o problema agindo em suas origens. Tais sintomas são, na maioria das vezes, a única forma de a criança demonstrar seus sentimentos, porque ainda não sabe nomeá-los de forma organizada. Essas são algumas das formas de a criança exteriorizar seus medos, angústias, frustrações que ainda mal compreende.

Tais sintomas são definidos como atos prejudiciais, inúteis à pessoa que os possui, sendo indesejados e causadores de sofrimento e desprazer. O maior problema que acarreta, refere-se ao gasto mental que gera, além do dispêndio dedicado em seu combate. Todo esse consumo de energia mental resulta no

empobrecimento de tal pessoa, que, deixa de se dedicar às questões importantes da vida (DUPAS, 2008).

Professores e estudiosos da educação ao longo de suas experiências são capazes de notar fenômenos psicológicos complexos que determinam comportamentos infantis e que a psicanálise os considera do plano inconsciente. Para exemplificar esta idéia citamos os casos em que determinado aluno apresenta todo potencial intelectual para ser bem sucedido na escola, mas, mesmo assim, acaba fracassando, como já relatado por DECOURT (2006), que trata sobre o fracasso escolar em seu artigo.

O que o leva a esta situação são fatores internos que, de alguma forma, são mais compensatórios do que o sucesso escolar. LAPLANCHE (1991), analisando Freud, em sua primeira teoria sobre o aparelho psíquico, esclarece que o inconsciente é formado por um conjunto de conteúdos que não se encontram na consciência, constituído por conteúdos recalcados, investidos pela energia pulsional, procurando o retorno à consciência.

Os pais de alunos nessa situação, muitas vezes preocupados com o futuro desse filho, tentam convencê-lo da importância dos estudos. Para estes pais, o aluno deve valorizar a escola e os professores, além de ser disciplinado para ser mais bem aceito.

Resumindo, o aluno deveria dedicar-se aos estudos para ter um bom posicionamento social futuramente, mas todo esse discurso não faz muito sentido para a criança, que entende apenas o futuro mais próximo, como os próximos dias, não compreendendo as relações causais entre seus atos e as consequências futuras, em longo prazo (DUPAS, 2008).

A não compreensão dos pais a respeito das peculiaridades do pensamento infantil leva-os a um maior desentendimento e afastamento, o que dificulta ainda mais o relacionamento entre pais e filhos. Além dessa falta de conhecimento do universo mental infantil, muitos pais pensam na “boa formação” do filho como sendo o bem-estar físico e moral. Muitos pais são zelosos, mas permanecem presentes apenas fisicamente, e são incapazes de demonstrar afeto e amor. Consequentemente, não estabelecem um contato mais intenso e profundo com a criança. KLEIN (1991) afirma que o bebê e a mãe precisam ter um sentimento inconsciente de unicidade, ou seja, o inconsciente de ambos deve estar em harmonia. A mãe, em seus cuidados com o bebê, deve demonstrar amor e compreensão. Nos primeiros anos de vida da criança, a mãe representa todo o mundo externo, o que leva o bebê a atribuir a ela tanto os sentimentos bons, quanto os maus.

Com o tempo e a convivência amorosa com a mãe e o aumento da integração do ego, a criança vai percebendo que esta é apenas uma pessoa, e não o objeto cindido em bom e mau, notando que odiava e amava a mesma pessoa. Isso faz com que a criança supere a posição esquizo-paranóide e entre na posição depressiva, desenvolvendo sentimento de culpa. A mãe é introjetada e o bebê percebe que pode conciliar seus impulsos contraditórios, que nada é totalmente ruim ou bom, e que pode nutrir amor pelas pessoas mesmo com seus defeitos.

Ainda tratando sobre essa relação primordial entre mãe e filho, DUPAS (2008, p. 17) analisando os estudos de Bion considera que,

[...] a origem das perturbações pode estar tanto na disposição inata da criança para a destrutividade, o ódio ou a inveja excessivos como no ambiente – inicialmente a mãe – que lhe nega servir como receptáculo dos seus sentimentos, o que pode levar à destruição do elo entre a criança e a mãe e consequentemente, a uma grave desordem do impulso de *ser*

curioso, do qual depende toda a aprendizagem. Está, então, aberto o caminho para um grave bloqueio no desenvolvimento.

Ainda, sobre tal assunto, DUPAS, (2008, p.18) esclarece que:

A teoria psicanalítica do pensar desenvolvida por Bion utiliza um modelo em que o pensar e o conhecer surgem por meio do amor materno, que se expressa pela *rêverie*, palavra francesa que indica a capacidade psíquica materna de acolher, metabolizar e devolver ao bebê as experiências afetivas, boas ou más, por ele projetadas, numa forma tolerável que ele possa reintrojetar, e que lhe permite a construção de uma autocontinência emocional.

Ao desenvolver tal capacidade o bebê também introjeta a função alfa possibilitando assim a criação de seus próprios meios de pensar e tolerar suas frustrações. Essas bases que determinam a saúde mental se definem nos primeiros anos de vida e eventuais falhas nesse processo vão favorecer a formação de transtornos psíquicos, mas que se precocemente detectadas podem ter seus danos atenuados, revertidos ou ao menos, não agravados.

3.1 A psicanálise, a educação e as políticas públicas.

Mesmo Freud não tendo aprofundado seus estudos sobre a educação, ele deixou contribuições relevantes que são capazes de nos auxiliar na compreensão de sua complexidade. Em suas pesquisas, não estudou diretamente as crianças, mas ao analisar os adultos, investigou fatores determinantes de neuroses que o fizeram remeter à infância de seus pacientes, chegando à premissa de que os primeiros anos de vida de uma pessoa são de grande importância, na verdade, determinante sobre muitos fatores psíquicos (DUPAS, 2008). É nesta fase que o pensamento deve se organizar e quando também surge a sexualidade, o que requer medidas de profilaxia de doenças que venham a afetar o desenvolvimento.

A tarefa inicial da educação é a de ensinar a criança a controlar seus instintos para que seja possível sua convivência familiar e social. Essa repressão também oferece o risco de desenvolver na criança uma doença neurótica, o que torna necessária a busca de um equilíbrio entre a total liberdade e a interferência que gera frustração. Portanto, quando proibir, deve-se planejar que meios serão utilizados para isso, e em que momento, pois, segundo KLEIN (1991, p. 290),

Embora seja verdade que uma criação excessivamente disciplinadora reforça a tendência da criança para a repressão, devemos nos lembrar de que uma indulgência excessiva pode ser quase tão prejudicial para a criança quanto uma restrição demasiada. A assim chamada "total livre expressão" pode trazer grandes desvantagens tanto para os pais quanto para a criança. Ao lidarmos com nossas crianças, é essencial manter um equilíbrio entre o excesso e a falta de disciplina. Fechar os olhos para alguns dos pequenos malfeitos é uma atitude muito saudável. Mas se elas se desenvolvem em uma persistente falta de consideração, é necessário mostrar desaprovação e fazer exigências à criança.

Há um outro ângulo a partir do qual a indulgência excessiva dos pais deve ser considerada: se bem que a criança possa tirar vantagem dessa atitude dos pais, ela também vive uma sensação de culpa por explorá-los e sente necessidade de alguma restrição que lhe dê segurança. Isso também a tornaria capaz de sentir respeito por seus pais, o que é essencial para uma boa relação com eles e para desenvolver respeito por outras pessoas.

Além desses fatores de ordem ambiental que vão agir na formação da criança, também devem ser considerados os fatores internos. A união dos fatores, internos e externos faz com que nem todas as crianças respondam positivamente em relação aos métodos aplicados na educação.

Se, como seres desejantes, abrigamos um universo institucional com tendências e impulsos destrutivos, como podemos encontrar uma compensação para isso? Parece que esse é o papel da cultura, que é criação do próprio homem. O homem, como criador e criatura, tem que conviver com essa ambivalência de, por um lado, ser um *ser desejante* e, por outro, ser um *ser cultural*. E a psicanálise está baseada nesse balanço de conflitos(...). (DUPAS, 2008, p. 83)

Na educação formal, a escola relaciona-se simultaneamente com as crianças ou adolescentes, seus familiares, professores, gestores e especialistas da educação, tornando-se, dessa forma, o centro dos conflitos entre o indivíduo e a cultura a qual pertence. O sofrimento psíquico humano, que aparece ao longo deste

trabalho, pode ser estudado com o auxílio teórico da psicanálise, mas sem deixar de considerar o contexto sociocultural.

Em relação à aprendizagem, para que esta ocorra, de preferência com qualidade, dependerá do tipo de relacionamento que estará envolvido neste processo. Isso ocorre porque tal processo possui em sua essência a dimensão do sentimento, fato, que na maioria das teorias de aprendizagem, não é levado em conta, focando-se apenas no aspecto cognitivo (RUSTIN, 2001).

Dessa forma, sendo o processo de aprendizagem dependente da emoção envolvida em relacionamentos bons, é possível concluir que, é necessário que as pessoas envolvidas em tal processo, sintam-se valorizadas e compreendidas em suas individualidades.

Com tais afirmações, pode-se assegurar que as políticas públicas deveriam ter como uma de suas prioridades o investimento humano no processo educacional. Fato que o setor educacional privado vem levando em consideração há muito tempo, pois seu investimento por aluno é muito superior ao investimento da rede pública. Porém, não basta apenas investimento, também é necessária uma boa organização do trabalho docente e aplicação adequada das verbas.

O professor também deveria ser mais valorizado em sua profissão, principalmente ser ouvido em relação às decisões que são tomadas por políticos que, normalmente, pouco sabem da realidade educacional.

Segundo KUPFER (2001), os problemas de aprendizagem atingem 90% das crianças encaminhadas para ambulatórios de tratamento de saúde mental. O fracasso escolar, geralmente, dá-se pelo fato de a escola não aceitar o desencontro de linguagens entre a escola e a criança. Para entender suas dificuldades, faz-se

necessário estudar cada caso individualmente, entendendo seu modo particular de aprender.

ARCHANGELO [20-?] faz uma interessante reflexão sobre os problemas enfrentados pelas crianças na sua vida escolar. Ao chegar à escola, o sujeito traz suas particularidades, sua forma de aprender e de se desenvolver, constituindo as diferenças que devem ser acolhidas, o que, no entanto, nem sempre acontece. As escolas podem apresentar diferentes perfis, um deles trata da escola negligente. Nela, as ansiedades trazidas pelos alunos não são acolhidas, ou seja, suas diferenças não são aceitas.

A escola também pode apresentar-se homogeneizadora, quando generaliza os alunos, tentando igualá-los, sempre buscando os pontos de identidade utilizando-se de mecanismos pedagógicos e administrativos. Segundo ARCHANGELO [20-?], isto acaba por promover uma falsa inclusão, na busca por obter a igualdade entre os alunos, nega as diferenças existentes.

Outro tipo de escola, que pode ser observada, é a escola caracterizada pela ingenuidade. Ela também é movida pelo desejo de acabar com as diferenças, utilizando-se para isso modelos teóricos que, supostamente, teriam aplicações possíveis em qualquer situação educacional, o que não ocorre na prática, justamente pelas diferenças existentes.

Já a escola acolhedora reconhece o conflito da diferença, já que este está presente em todo e qualquer relacionamento. O que ocorre é que este tipo de escola assume a função de *container* acolhendo os sentimentos projetados pelos alunos.

Segundo KUPFER (2001), a psicanálise contribui com seus estudos para uma espécie de resgate do sujeito integral, o que, aliás, vem sendo pensado na

educação contemporânea. É uma busca de resgate de um sujeito que vai justamente contra a sociedade de consumo, em que as pessoas, e inclusive as que estão na condição de aluno, são tratadas como mera mercadoria.

O que vemos, são cada vez mais políticas educacionais, que, ao contrário de privilegiar as particularidades de cada um, nivela-os por meio de planos de ensino que nada têm em comum com a realidade em que vivem. Para ir contra esse quadro, o ideal seria que cada escola tivesse poucos alunos, fosse descentralizada para atender à sua regionalidade e particularidades que realmente despertariam motivação e seriam de grande utilidade. O professor que tem contato com o conhecimento psicanalítico tem justamente sua atenção voltada para as particularidades do sujeito. Aprende que sua relação com o aluno não é apenas a apresentação de conteúdos, mas que ambos estabelecem relações conscientes de acordo com seus papéis, além de outras mais profundas, em nível inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não apenas os professores, mas também os pais são os educadores das crianças, ainda mais que elas tendem a entrar para a educação formal cada vez mais cedo. Desta forma, pais e professores exercem a função de cuidar e educar a criança.

Mesmo o ambiente escolar sendo diferente do familiar, o professor também aparece como uma figura de identificação, conseqüentemente, suas ações devem ser guiadas por um sólido embasamento teórico que permita, de maneira segura, exercer um relacionamento saudável com seus alunos.

Como vimos ao longo deste trabalho, são as teorias psicanalíticas que possuem um foco de investigação capaz de explicar as relações humanas, comportamentos e a formação da mente que se dá na infância. A criança passa por conflitos que necessitam da presença de um adulto maduro e com suas emoções mais organizadas para ajudar a criança a se desenvolver de forma mais sadia. Este adulto funciona como um modelo de pensamento organizado, e, além disso, auxilia a criança a organizar seu próprio pensamento até que ela consiga realizar esta tarefa por conta própria.

Quando isso não ocorre, o que se pode ver é uma repetição de modelos nem sempre saudáveis, com pais ou professores repetindo modelos arcaicos em relação

à criança. Estes modelos nem sempre são os ideais, mas são reproduzidos sem que o adulto, pais ou professores, perceba ou tenha conhecimento daquilo que está fazendo.

A psicanálise vem sendo buscada pelos teóricos da educação para explicar as causas dos problemas enfrentados pelo educador no dia-a-dia em salas de aula. Ela busca compreender sentimentos primitivos, ações do inconsciente, a formação do pensamento, além de entender que os núcleos mentais doentes tiveram suas origens na infância sob influências internas e externas.

Este levantamento bibliográfico teve papel de investigar quais foram os estudos mais significativos no período compreendido entre os anos de 2002 e 2006, sobre a contribuição da psicanálise na educação. Tais estudos mostram que é de fundamental importância para o educador compreender a formação do pensamento e a construção das emoções da criança visando que os resultados do processo de aprendizagem sejam mais efetivos e mais eficientes, e para que o relacionamento professor/aluno seja mais saudável e mais produtivo para ambas as partes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *As influências da psicanálise na educação brasileira no início do século XX. Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2006, vol.22, n.2, pp. 233-239. ISSN 0102-3772. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a13v22n2.pdf> Acesso em 10/10/2010.
- _____. *As origens da psicanálise de crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. Psicol. estud.* [online]. 2009, vol.14, n.3, pp. 423-432. ISSN 1413-7372. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n3/v14n3a02.pdf>. Acesso em 10/10/2010.
- ARCHANGELO, Ana *et al.* O conflito da diferença na escola. [s.n.t](No prelo).
- AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: editora Ática, 1994.
- BALINT, M. Four-countries conference. *Bulletin of the International Psychoanalytical Association* (1938) 19:168-172.
- BION, W. *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Menzies-Lyth, I. *Containing anxiety in institutions: selected essays*. London: Free Associations. 1988
- BOSSA, Nádia. *Sintoma escolar: uma questão de sentido e direção*. Cadernos de psicologia São Paulo: Unisa, 2002, vol. 02, n. 03.
- CALDERARO, Rosana Simão dos Santos, CARVALHO, Cristina Vilela de. *Depressão na infância: um estudo exploratório*. 2005, vol.10, n.2, pp. 181-189. ISSN 1413-7372.
- CHAKUR, Cilene R. de S. L. (org.). Um estudo sobre a sexualidade infantil a partir do discurso de um grupo de professoras. In: *Problemas da educação sob o olhar da psicologia*. Araraquara: FCL: Laboratório Editorial, UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.
- COSTA, Terezinha. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- CUZIN, Marinalva Imaculada. *Infância – educação e psicanálise: a (im)possibilidade de um diálogo?* 2006. Disponível em: [HTTP://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1711](http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1711) Acesso em 18/09/2010.
- D'AGORD, Marta. *O inconsciente na sala de aula*. Ágora (Rio J.) [online]. 2002, vol.5, n.1, pp. 155-174. ISSN 1516-1498. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/agora/v5n1/v5n1a11.pdf> Acesso em 11/10/2010.

- MOURA, Francisco. *Um olhar clínico na sala de aula: uma nova metodologia pedagógica?* Estilos clin. [online]. 2005, vol.10, n.18, pp. 36-53. ISSN 1415-7128 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v10n18/v10n18a04.pdf> acesso em 04/09/2010.
- OLIVEIRA, C. Lucia Montechi Valladares de. *Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. Ágora (Rio J.)* [online]. 2002, vol.5, n.1, pp. 133-154. ISSN 1516-1498.
- PETRY, Paulo Padilha. *Críticas Piagetianas e psicanalíticas à atual formação de professores.* Revista Educação & Realidade, Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 31, n. 1, p. 53-68, Jan. / Jun. 2006.
- RICKES, Simone Moschen. *O sujeito do conhecimento a partir do seu lugar de efeito.* Revista Educação & realidade, Porto Alegre: Faculdade de Educação/ UFRGS, vol. 28, n. 02 jul. /dez. 2003.
- RUSTIN, Michael. *Reason and unreason: psychoanalysis, science and politics.* London: Continuum, 2001. P. 201-224.
- SAINT-JUST, Jean-Luc de. *Atualidade da clínica de orientação psicanalítica em ciências da educação: pesquisas e práticas.* Tradução M. Stella Machado. Estilos clin. [online]. 2005, vol.10, n.18, pp. 60-67. ISSN 1415-7128. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v10n18/v10n18a06.pdf> acesso em 04/09/2010.
- SERENO, Deborah. *Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva.* Psyche (Sao Paulo), São Paulo, v. 10, n. 18, sept. 2006 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200016&lng=es&nrm=iso. acessado em 28 nov. 2010.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* Coleção: Psicologia e pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZUGUEIB NETO, J. *Alternativas para o tratamento em saúde mental. Estratégias psicopedagógicas no atendimento a jovens portadores de distúrbios emocionais severos.* Educar em Revista, América do Norte, 23, dez. 2004. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2155/1807>. Acesso em: 28 Nov. 2010.